Danielle e seus dois monstros:

sobre a função organizadora das fantasias

Claude Le Guen

Nesta conferência, um relato clínico comovente e uma elaboração teórica a respeito da transferência tomam corpo a partir de um lapso contratransferencial, que mobilizou os dois parceiros da aventura analítica.

Até o fim da sua vida, inclusive no *Esboço de Psicanálise* (seu último texto), Freud é levado a constatar a “estranheza” da transferência, acrescentando que “ela não deixa nunca de nos surpreender. (...) O mais notável é que (...) o analisado vê no analista a reencarnação de um personagem da sua infância, do seu passado, e é por essa razão que transfere, para aquele, sentimentos e reações certamente destinados ao modelo primitivo”¹, isto é, que “provêm do seu complexo de Édipo”². Assim, a transferência é definida constantemente como *identificação do analista às imagens parentais* do paciente, segundo uma atitude que só podemos considerar como fantasmática.

Acrescentemos que tanto a transferência como a identificação não se limitam a pôr em jogo fantasias: cada uma delas é uma fantasia, a tal ponto que, na prática, é a maneira pela qual se apresentam sob a forma de certos fantasmas privilegiados que nos permite reconhecê-las. Mas há um ponto muito importante na clínica, e sobretudo na técnica do tratamento: a fantasia

é mais perceptível, mais identificável, e sobretudo mais *interpretável* – portanto mais capaz de ser mobilizada – na sua expressão transferencial do que na sua determinação identificatória. Além disso, a identificação é também, e talvez mesmo principalmente, uma *fantasia organizadora*, a ser colocada ao lado das outras grandes fantasias originárias, como a sedução, a ameaça de castração e a cena originária. Ela pode contribuir para esclarecer estes outros grandes fantasmas originais; e, como eles, só pode ser verdadeiramente apreendida através das fantasias que se exprimem na e pela transferência.

Falar de fantasias organizadoras implica não apenas aceitar a idéia da onipotência do pensamento *sobre*

Claude Le Guen é analista titular da Sociedade Psicanalítica de Paris e autor, entre outros livros, de *Prática do Método Analítico* (Escuta). Esta conferência foi proferida no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em agosto de 1998. Tradução e edição (inclusive dos trechos do debate publicados ao final): Renato Mezan.

o pensamento, o que não coloca muitos problemas, mas impõe sobretudo considerar que esta onipotência *age sobre o mundo*, já que o próprio do pensamento humano é justamente agir sobre o mundo e tentar obstinadamente dominá-lo. Dito de outra forma, o compromisso representado pelo princípio de realidade é na verdade só isto, um compromisso: não apenas ele deverá ser colocado, *in fine*, a serviço do princípio de prazer, mas será também obrigado a conformar-se ao princípio de prazer. Aliás, foram considerações desse tipo que conduziram Freud a elaborar sua última teoria pulsional.

Para ilustrar, gostaria agora de lhes contar a história de um tratamento, ou pelo menos de alguns dos seus grandes momentos, isto é, daqueles momentos nos quais alguma coisa muda.

Começo tranqüilo

Danielle Guimiliau é uma mulher jovem, muito simpática e atraente, bonita, e a quem não falta sedução. Vem me pedir uma análise porque se encontra numa situação sentimental e familiar difícil e pouco satisfatória. De um lado, há um marido triste e desanimado, com pouco apetite sexual, vagamente hipocondríaco, mas por quem ela sem dúvida sente carinho (tanto mais que têm uma filha adolescente, a qual não apresenta nenhum problema). Do outro, um amante hesitante, porém sedutor, antiga ligação de quase dez anos, à qual ela também está fortemente vinculada; mas essa relação é por vezes bastante tempestuosa. Eles trabalham juntos – um bom trabalho, aliás, que a apaixona. De tudo isso, ela obtém certas insatisfações e alimenta algumas angústias.

Ela poderia muito bem continuar vivendo assim, tanto mais que o essencial dos seus problemas foi resolvido há algum tempo, após

uma análise de uns cinco anos, com uma lacaniana cuja prática parece ter sido aproximadamente conforme àquilo que se pode esperar de uma prática analítica. No entanto, Danielle pensa que poderia estar melhor; gostaria de pelo menos poder se encontrar entre os seus homens.

O princípio da realidade é colocado a serviço do princípio do prazer e é obrigado a conformar-se a ele.

Sua história é bem estruturada, a demanda bem apresentada. Esta mulher parece sentir-se confortável, com a mistura certa de contenção e de discreta histeria: eu me pergunto se vale realmente a pena deixá-la se envolver numa nova análise, já que esta não é necessariamente a melhor solução para resolver problemas conjugais.

Contudo... contudo, há alguma coisa dissonante, sem que eu saiba muito bem o quê. Ela foi relativamente discreta sobre a história familiar, sem no entanto ser reticente. Bem no início da entrevista, insistiu sobre a ferida que viveu há coisa de quinze anos, quando uma irmã sua, adolescente e sofrendo de crises depressivas, se suicidou. A vida familiar foi marcada pela permanência bastante longa do pai num hospital psiquiátrico, devido a histórias depressivas com ruminações e tendências mais ou menos persecutórias. A mãe precisou criar

sozinha suas três filhas, das quais Danielle é a segunda, sob a tutela longínqua e autoritária de um tio que vinha uma vez, a cada três meses, lhes dar conselhos – que na verdade eram ordens – para administrar o modesto orçamento da família. Era uma antiga família de notáveis, da qual o pai era o elemento frágil. Infância terna, entre mulheres; felizmente, Danielle tinha seus êxitos escolares para a consolar, e eles lhe permitiram, aos dezessete anos, afastar-se desse quadro para prosseguir os estudos.

O que finalmente me decidiu a empreender sua análise? Acho que foi principalmente a firme convicção que ela punha na demanda, e que não se encaixava bem na imagem razoavelmente satisfatória de sua vida psíquica atual. Via a análise como a última chance de resolver seus problemas. Mas quais seriam esses problemas? Um curioso sentimento me dominava: com certeza, ela não dissimulava coisa alguma, mas eu tinha a impressão de estar passando ao lado de algo importante e grave... Além disso, tinha também a impressão persistente – embora vaga, sem apoio real – de que essa mulher simpática, à vontade, decidida, bem inserida, era apesar de tudo frágil.

Quando começamos, um ano mais tarde (pois ela mesma tinha dito que não havia urgência), reencontro a mesma pessoa: ela não está melhor nem pior. Mas eu experimentava um vago mal-estar, que me fazia sentir-me como que deslocado. Esse sentimento de estar um pouco fora do alvo me intrigava, na medida mesma em que ela me era simpática, até na sua infância bretã e nas identificações imediatas que isso me inspira. Isso tudo me seduzia, devo dizer, e por isso esse sentimento de estar deixando de lado alguma coisa me aborrecia ainda mais. No entanto, o tratamento se organizou sem maiores problemas. Ela conhecia as regras e as respeitava; associava bem, sonhava a

quantidade necessária de sonhos, fazia muito honestamente seu trabalho de paciente. Desta vez, meu sentimento era de algo enevoado, como um dia sombrio.

Minha atuação

E eis que, após sete ou oito meses, cometi algo que é preciso chamar um erro grave: um dia, eu a fiz sair quinze minutos antes de terminar a sua hora. Ela nem bem tinha acabado de descer a escada quando me dei conta do meu erro... Evidentemente, acabava de cometer um ato falho carregado de sentidos – dos quais o mais manifesto era que, de uma forma ou de outra, eu queria me desembaraçar dela. No entanto, eu não reconhecia em mim nenhum desejo desse tipo. Procurei me interrogar, lembrar, associar: não encontrava nenhum sentimento desse gênero. Diria mesmo o contrário. E dizer que isso bem podia ser uma defesa contra a sua sedução me parecia, no caso, uma explicação pobre e apressada.

Este é o tipo de coisa que nos trabalha, e dois dias depois – após ter associado suficientemente por mim e por ela – quando chegou o momento da sua sessão seguinte, eu tinha chegado à conclusão de que havia tido um maciço movimento fóbico que na verdade não me pertencia. Esse desejo de afastamento não era meu: eu tinha realizado um sintoma que era *dela*, mas que ela não manifestava de forma alguma por si própria, tanto mais que, com toda a certeza, o ignorava.

Danielle voltou furiosa, com uma espécie de cólera fria bastante impressionante. Mais do que me refugiar num silêncio obtuso ou propor algumas justificações, que de qualquer maneira não teriam adiantado nada, admiti meu ato falho como tal e o reconheci. Expliquei-lhe que depois de o ter analisado, e mesmo levando em conta a parte inevitável das minhas associações

e determinações pessoais, pensava que este ato falho estava diretamente ligado a ela. Eu tinha agido um fantasma que ela não conseguia exprimir, e que sem dúvida correspondia a um pavor diante de algo que se encontrava nela e que se escondia na sua história. Após algumas observações ácidas do tipo “os analistas sempre dão um jeito de fazer as pacientes acreditarem que a culpa é delas”, ela me disse que não via do que eu poderia estar falando, mas que minhas explicações pareciam pelo menos resultar de uma intenção honesta. Assim, pelo menos provisoriamente, ela continuaria a análise comigo (e me disse então que viera determinada a interromper, depois de se dar o prazer de exprimir a sua fúria).

De fato, essa análise só começou neste momento: meu ato falho foi de certa forma o ato iniciador dela, ou talvez o ato iniciático, como se tivesse permitido o nosso encontro. O vago mal estar que me perseguia desde o início apenas comprovava que ela tinha conseguido me transmitir algo da sua própria angústia, e simultaneamente conservar a fachada de boa pacientezinha que se vira bem com seus problemas. Tal fachada, aliás, era essencial para ela, tanto mais vital quanto não era pensada como uma fachada.

Não vou lhes contar, é claro, os cinco anos dessa análise. Vou me limitar a desenhar alguns grandes traços, e, principalmente, tentarei colocar em evidência o fio condutor que vincula certos momentos fortes – dito de outra forma, as fantasias que organizam sua vida psíquica. Pois (mas isso certamente vocês já entenderam) aquilo que eu havia atuado no seu tratamento era *a fantasia organizadora da sua neurose*, tanto da neurose do presente quanto da neurose infantil.

Sem perceber, eu tinha incorporado essa fantasia: tinha-me sido possível identificá-la identificando-me a ela (“ela” fantasia, não “ela” paciente). Mas, ao fazer isso, permiti à paciente tentar se identificar com a sua fantasia, na medida em que lhe tornava tolerável a identificação transferencial.

Vocês também adivinharam que ali se tratava tanto do medo de abandono quanto da necessidade de fugir. Mas era preciso que essa fantasia tivesse uma força muito especial para ter assim me provocado a colocá-la em ato; atrás dela, deveria existir um terrível medo, com algumas conseqüências (por exemplo, a impossibilidade de fazer escolhas), sem contar alguns retornos de “coisas” ainda mais próximas do originário. Era preciso olhar mais de perto.

Ao atuar no tratamento a *fantasia organizadora da neurose da paciente*, permiti-lhe tentar identificar-se com a fantasia, na medida em que lhe tornava tolerável a identificação transferencial.

O pai aterrorizador

De início, o que minha falta de habilidade provocou foi a aparição de lembranças. Não diria eliminação da amnésia, porque todas estas lembranças estavam lá, à disposição da memória, mas enfiadas em algum canto, o que permitia a Danielle não pensar mais nelas, fazer de conta que tinham sido esquecidas – ao mesmo tempo em que sabia que elas a esperavam, que a espionavam. Para fazer uma imagem, eu diria que essas lembranças eram como animais selvagens que ela tivesse trancado no porão, esperando que as grades se mostrassem firmes. Ela acreditava – sem muita convicção, é preciso dizer – que me tinha falado dessas coisas quando da primeira entrevista. Isso não era completamente falso, mas estava longe de ser verdade, tanto tinha sido edulcorado. Sem dúvida, atenuar estas lembranças era imperativo primeiro para ela própria, a fim de pelo menos poder dormir: não era tanto a tristeza, e sim o terror, que havia dominado a sua infância: tudo tinha sido um longo pesadelo.

O pai não era um gentil depressivo que de vez em quando alguém leva até o hospital vizinho; era um grande paranóico, que atuava o seu delírio. Com sete anos, ela o viu ser levado da casa numa camisa de força, rugindo, espumando, depois apatetado, apalermado.

Como ela soube depois, isso vinha depois de uma série de ameaças de morte endereçadas por carta registrada, bem como por oficiais de justiça, a diversas autoridades e pessoas conhecidas. Ele próprio pertencia a uma profissão jurídica, ou pelo menos havia exercido alguma função deste tipo, antes que sua clientela se derretesse. E tudo isso se somava ao que ela já conhecia, ou seja, injúrias e outras ameaças berradas na casa, inclusive contra a mãe, pois ele era – claro – extremamente ciumento.

Ele dormia num quarto separado, com o fuzil ao alcance da mão, levantando-se muitas vezes durante a noite para fazer rondas. A mãe se trancava com as crianças no seu próprio quarto, escondendo uma faca de cozinha embaixo do travesseiro. As filhas dormiam como podiam, atentas ao menor ruído, fosse o pai se agitando no seu reduto ou rondando pela casa, ou barulhos que vinham da rua e do jardim, onde supostamente estavam os perseguidores do pai.

De vez em quando – em princípio, ao que parece, quando as meninas estavam na escola: mas ele se atrapalhava nos dias e nos horários, e além disso tinha algumas impaciências – este homem violava sua mulher, para verificar se ela o havia enganado. Digo que a *violava* porque, de fato, ela não suportava ser tocada por ele, tamanho era o terror que sentia. Quando as filhas se encontravam por perto, se precipitavam para a mãe, mas esta lhes ordenava que fugissem. E Danielle se lembrava, com grande acuidade, do seu pai avançando com a faca na mão e o sexo em ereção.

Quando ele foi internado, as coisas ficaram mais calmas, muito calmas; no entanto, durante muito tempo permaneceu o medo tenaz que ele se evadisse e viesse se vingar. Também havia as visitas em família ao hospital, quando suas quatro mulheres o encontravam amorfo, silencioso, como que encolhido. Havia então as recriminações à mulher por o ter trancado lá, os pedidos para tirá-lo dali, as ameaças... Aliás, é preciso dizer, estas foram se tornando mais raras, como se a fonte delas secasse; mas sempre o medo, o aborrecimento, depois o medo, e mais aborrecimento.

Na aldeia – porque nossa história se passa numa aldeia bretã – as coisas não eram nada simples. Como suas duas irmãs, Danielle era “a filha do maluco”, o que evidentemente não favorece a criação de

amizades. Finalmente, o pai tinha conseguido que sua família fosse perseguida, por mais que houvesse piedade em certas circunstâncias, e mesmo algumas ajudas sinceras. Nesse jogo da perseguição, os adultos sabiam de vez em quando ser mais ferozes do que as crianças. Uma mãe dizendo à filha, por exemplo, que era proibido brincar com a Danielle, era muito mais terrível do que a filha dando risada e cantando o estribilho “olha a louquinha! olha a louquinha!”

Eu poderia contar a vocês várias cenas deste tipo, como se fossem escritas por Zola ou mesmo por Eugène Sue; Danielle me descreveu muitas, revivendo-as com grande

Eu me
perguntava se
tinha tido
razão em
deixar sair do
porão o
monstro que
ela havia
dissimulado.

intensidade. Quanto a mim, de vez em quando me perguntava se tinha tido razão em deixar sair da jaula, e subir do porão, o monstro que ela havia dissimulado tão bem, a ponto de poder fazer como se tivesse sido esquecido. Pensava que o estava mantendo bem nas rédeas, mas nunca se sabe...

Ela se lembrava de certas coisas, já que as contava; mas um instante antes *não lembrava que se lembrava*. Um dia, por exemplo, surgiu (tomando-a de surpresa) essa imagem terrível do pai na frente da

mulher e das filhas, berrando que as ia matar; ou então essa outra noite, quando a porta do quarto, sem dúvida mal fechada, cedeu; ele ficou silencioso ali na porta, com uma faca na mão, e depois partiu novamente.

Agora eu sabia do que tinha tentado fugir na minha tentativa de encurtar a sessão, e digamos de esquecer a paciente. No meu gesto, ela tinha de início percebido a ameaça de abandono, com o risco

tal maneira que as escolhas *fossem feitas por ela*. Não por outras pessoas, mas por circunstâncias nas quais esses próprios outros apareciam tão “agidos” quanto ela mesma. Aqui não estamos longe, vocês vêem, daquilo a que Freud chamava de “neurose de destino”. Assim eu tinha sido conduzido, apesar de mim mesmo, a cometer esse ato falho, que representava sua ambivalência e ao mesmo tempo sua hesitação em vir ao divã.

No meu gesto, ela tinha percebido o risco de se reencontrar sozinha, entregue ao furor da sua memória. Não havia ali uma fantasia a ser trabalhada pelo recalque: havia traços mnêmicos atacados pela denegação.

de se reencontrar sozinha, entregue ao furor da sua memória; rapidamente, ela tinha reencontrado seu próprio desejo de fuga.

Dali por diante, diversas particularidades da vida de Danielle se esclareceram, por exemplo sua impossibilidade de fazer escolhas. Aqui faço questão de assinalar que ela não apresentava qualquer sintomatologia obsessiva, e que sua incapacidade de escolher tinha mais a ver com a periculosidade de cada uma das opções do que com a indecidibilidade em si. Como preferir Sila a Caribde, a peste à cólera, a solidão à agressão? Nos seus amores, ela não podia escolher entre o marido e o amante, e também, no seu trabalho, entre fugir dos conflitos ou afrontá-los. O aspecto decidido estava ali apenas para camuflar essa impossibilidade de decidir; toda a arte da sua vida – se posso dizer assim – consistia em fazer de

Certamente encontramos, nessas cenas de terror, diversos elementos que – pelo menos na reelaboração que necessariamente sofreram – podem ser colocados entre os produtos e os subprodutos edipianos, e poderíamos compreender se alguém falasse, a respeito delas, em *cenas primitivas*.

Mas eu não concordaria, porque essas cenas se encontram obliteradas pela sua realidade, pelo realismo da sua crueza e da sua atrocidade, pela verdade e autenticidade do seu retorno na memória, que desnatura a fantasia. Essa própria fantasia, numa honesta cena originária, deveria justamente acompanhar tais cenas, até realmente as produzir. Isso daria à fantasia essa liberdade na expressão que assegura a sua *metabolização*, e permite, por exemplo e principalmente, organizar o Édipo na história pessoal. Não havia ali portanto uma fan-

tasia que pudesse ser trabalhada pelo recalque; na verdade, havia traços mnêmicos que haviam se tornado objeto de ataque pela denegação. A identificação se encontrava em toda parte, sempre apresentando-se como insustentável.

Assim, o trabalho organizador se fez mais sobre aquilo que nos aparece como um sintoma. Qual seria esse sintoma? “Fazer tudo para não ter que escolher entre abandono e assassinato”. Tratava-se mais disso do que de um modelo sustentado por uma fantasia; de onde o sentimento que se nos impôs (erradamente) de um efeito desorganizador. De onde também uma organização bastante particular da história e da vida psíquica de Danielle.

O sonho da dama de azul

Não vou contar para vocês todo o tratamento, mas acho útil apresentar dele uma perspectiva que vá até o final.

Vários sonhos pontuaram o curso dessa análise. Vocês não ficarão surpresos se lhes disser que eram praticamente só sonhos de angústia. O personagem central, no mais das vezes, era um gato (ela sempre tinha tido gatos, todos muito carinhosamente amados, desde o gatinho que seu pai esmagou jogando-o contra a parede até um outro que, durante a análise, caiu da janela do quarto andar e se matou). Estes sonhos, assim, colocavam em cena um gato perseguido, ameaçado, que procurava em toda parte um abrigo, mas que finalmente – fossem quais fossem as peripécias específicas – não conseguia fugir. Ela era os gatos, claro, mas também (embora com menos evidência), aqueles que os protegiam mais ou menos bem, e mesmo aqueles que os perseguiam.

Essa paciente adorava pintar, e seus sonhos eram em geral coloridos.

dos. Na verdade, o mais das vezes tinham apenas uma cor, azul e/ou verde; ora passavam de um ao outro, ora mostravam ambos ao mesmo tempo. Esta própria indistinção era quase sempre um elemento do sonho. Aqui é preciso assinalar uma particularidade da língua bretã: ela não distingue entre aquilo que em francês aparece como duas cores, azul e verde, justamente. O bretão designa ambas com uma mesma palavra, *blasz*. É sempre possível indicar a nuance que se está evocando, referindo-se, por exemplo, ao *blasz* do céu ou ao *blasz* do mar; mas no horizonte bretão os dois muitas vezes se confundem...

Danielle fala bretão fluentemente, eu não; mas conheço o suficiente para poder saber dessa particularidade lingüística. Isso me permitiu, um dia, ligar o azul e o verde dos seus sonhos à impossibilidade de distinguir qual era a escolha acertada, e depois ressituar todo esse conjunto na infância bretã. Assim eu reconhecia uma outra realidade, que dizia respeito a uma *comunidade* e não mais a uma *confusão*. Nós tínhamos uma identidade em comum – ela me disse – e eu dava provas disso diante dela: ambos éramos bretões, e por causa do meu nome é que ela me havia escolhido, como me disse então. Nós dois tínhamos o mesmo sangue; estamos exilados nas calçadas de Paris, com a mesma língua esquecida, e talvez com o suficiente de história oculta para encontrarmos marcas comuns.

Havia chegado a época em que a transferência pôde se infletir, para reforçar o seu movimento identificatório na parte mais gratificante e mais organizadora. A transferência sempre tinha sido um pouco parasitada pela presença implícita da primeira analista, cuja imagem resistia a qualquer tentativa de triangulação, e que impedia a plena escolha transferencial... ou pelo menos servia de pretexto a Danielle para não se envolver completamente

em sua transferência comigo. Por “envolver-se transferencialmente”, estou entendendo uma transferência suficientemente terna e carinhosa para poder ser plenamente identificatória – e era isso que minha atuação havia renunciado. Vocês podem imaginar que foi um sonho que veio mostrar que ela tinha me escolhido por completo, que ela me amava, diremos, que ela me amava na “falsa ligação” da transferência; mas, como Freud insistia, estaríamos errados se pensássemos que o amor de transferência não é também um “verdadeiro amor”.

Nesse sonho, ela me trazia flores. Danielle gosta muito de flores, e sempre as tem em casa, assim como eu na minha escrivania; mas ela inveja muito as minhas, porque quando a estação permite, são obviamente flores que eu trago do meu jardim. No sonho, ela oferecia amores-perfeitos (*pensées*)³ a uma *dame en bleu*, uma senhora vestida de azul, senhora que na verdade era o personagem imaginário que figurava numa tela que ela tinha pintado alguns anos antes. Ela gostava muito dessa pintura, sem saber muito por que – palavras dela. Esses amores-perfeitos eram verdes, para a senhora de azul; mas, no momento mesmo em que as oferecia a ela, Danielle nota que se tor-

naram brancas, e experimenta com isso uma enorme alegria, sem saber por que. Mesmo antes de terminar a narrativa do sonho, o sentido saltou à sua frente, tanto quanto para mim: em bretão branco se diz *güen* ou *guen!*

A mãe roedora

Essa alegria, essa segurança reencontrada, permitiu um novo momento na análise, um mergulho um pouco mais fundo.

Depois de longos meses de trabalho, havia se constituído a imagem de um pai doente, ferido na alma, sofredor e infeliz. Essa imagem nova não substituía a outra, a do pai aterrorizador, mas vinha lhe conferir espessura, sentido, fragilidade. Havia ali uma proximidade que autorizava certas aproximações, alguns vínculos, a possibilidade de semelhanças. Uma identificação já não era mais tão impensável. Junto com isso, aparecia uma certa culpabilidade, a de ter tido medo dele, quando na verdade talvez ele é que tinha de ser protegido, como os gatos dos seus sonhos.

Voltava assim, insistente, a lembrança das visitas dominicais ao hospital psiquiátrico, em sua infinita morosidade, em sua monotonia

Chegou a época em que a transferência pôde se infletir, para reforçar o movimento identificatório. Uma transferência suficientemente terna para poder ser plenamente identificatória era o que minha atuação havia renunciado.

sempre recomeçada, sempre com os mesmos pedidos, as mesmas orações desse homem quebrado: “Me tira daqui” – dizia ele à sua mulher – “estou curado, e aqui é muito triste” – e ela se murava no silêncio e no medo, sacudia a cabeça para recusar, fazia como se não tivesse ouvido; e lhe davam então bananas, sempre bananas, para que ele comesse e ficasse quieto...

E foi assim que chegamos a enfrentar a mãe, cujo sentido até então consistia principalmente em não ser o pai. E mergulhamos novamente no pesadelo.

Danielle tinha muitas razões, ótimas razões, para nunca pensar na mãe; no entanto, cuidava bastante bem da velha senhora em que essa mãe tinha se transformado (o pai saiu do hospital depois de quinze anos, devido à insistência dos médicos; levava uma vida quase vegetativa, perto da mulher, e morreu dois anos depois). A mãe ainda sobreviveu muito tempo, e morreu durante a análise da minha paciente, um pouco antes da fase do tratamento que vamos abordar agora, fase que esse luto sem dúvida facilitou.

Ao mesmo tempo em que se recriminava por não ter sido suficientemente boa para esse homem infeliz, esse pobre coitado em que seu pai tinha se transformado, Danielle começou a dirigir recriminações semelhantes à sua mãe, e de maneira cada vez mais violenta. Essa violência, cuja intensidade a surpreendia, veio lembrá-la da violência do pai, e foi assim que ela foi levada a se perguntar se afinal, na sua loucura, esse pai não tinha tido algumas razões. E se a mais culpada tivesse sido a mãe?

Reencontramos muitas lembranças; não vou retomar aqui o relato das associações, que se estenderam durante meses e nos permitiram desenhar o personagem.

Do seu jeito, essa mulher era pelo menos tão doente quanto o marido. Na medida em que hoje e

aqui um diagnóstico faça algum sentido, digamos que ela tinha uma depressão psicótica, vagamente melancólica, sem dúvida muito esquizóide. Atravessava períodos de prostração, durante os quais suas filhas tinham que fazer tudo por ela, mas apresentava também – mais

Todas as respostas ao dilema eram insuportáveis: este par era monstruoso. Como seria *pensável* identificar-se com um deles?

raramente – fases de excitação que-relante que a envolviam em atividades estranhas, loucas. Primeiro o tio, depois as filhas (à medida que cresceram), tinham então que procurar atenuar os efeitos dessas *démarches*. Se escapou da internação, é porque no fundo era calma, calma demais; e além disso tinha também filhos para cuidar – em princípio, diremos, porque na verdade essas filhas cedo tiveram que aprender a garantir sua sobrevivência e a sobrevivência da mãe. Ela estava praticamente o tempo todo sob medicação; era preciso sempre zelar por ela.

Até então Danielle sempre tinha querido acreditar que tudo isso era apenas efeito ou consequência da loucura do pai; agora, começava a se perguntar se a loucura do pai não havia na verdade sido encorajada pela loucura da mãe. Será que não era preciso inverter a ordem das

coisas? Talvez não fosse tanto que ela tinha tido medo do marido porque este era perigoso; e se fosse ele que tivesse ficado ameaçador porque não suportava mais o medo, o pavor que ela mesma sentia dentro de si? O problema é insolúvel, claro, tanto mais que todas as respostas a esse dilema eram igualmente insuportáveis: esse par era na verdade monstruoso. Como dar conta dele? Como Danielle, durante sua vida, tinha se havido com essas imagens? Por qual dos dois tomar partido? Como seria *pensável* sentir-se semelhante, poder se identificar com um deles?

Assim, ela foi descobrindo pouco a pouco que, por mais aterrorizador que tivesse sido o pai, ele colocava finalmente problemas muito simples: era malvado, e era possível odiá-lo. Na parte essencial, a ameaça permanecia no exterior. Com a mãe, porém, as coisas eram completamente diferentes: como lidar com essa mulher, imagem viva do medo, da desolação e do desespero, da resignação e da dor? Como suportar, como atacar? Como brigar com ela? Como suportar essa presença tão pesada de fria tristeza, como viver a indiferença do seu silêncio? Ela nunca sorria, mas de vez em quando exalava algumas queixas sobre sua imensa fadiga. Não beijava, não acariciava nunca, mas de vez em quando gemia algumas recriminações quanto à ingratidão das filhas. Ser como ela não podia ser um desejo: era sobretudo uma ameaça.

Mas como evitar incorporá-la? Esta mãe roía Danielle por dentro. Ela a trazia na sua barriga; sentia-a lá, ali onde todas as coisas são misteriosas e incertas, enfiada na suas entranhas, mãe cheia de garras e de dentes. Não estou fazendo uma descrição literária; trago a vocês toda uma fantasmática e as próprias palavras da paciente. Estou descrevendo a fantasia precoce que, embora mergulhada na amnésia infantil e só reencontrada no divã,

tinha organizado toda a sua vida.

Um dia, no jardim de infância, uma menina maior – de quem ela não gostava e que também não gostava dela, mas de quem tinha medo – havia-a forçado a comer uma fruta que ela não conhecia. Devia ser talvez uma lichia em conserva, Danielle pensa hoje. Depois que ela engoliu a fruta, a outra menina tinha rido muito, dizendo que tinha acabado de envenenar Danielle. Era um veneno de ação lenta, que ia apodrecer na barriga dela, fazê-la apodrecer, e finalmente matá-la.

A fantasia de envenenamento e podridão do ventre ilustrava a relação com a mãe e em parte a organizava.

Agora Danielle sabia que sempre tinha associado a mãe a essa cena, e que durante a infância, toda a infância, tido vivido com a certeza de ter essa coisa cruel no seu interior, esse fruto-mãe-podridão roendo-a e apodrecendo. Não é preciso dizer que muito cedo, e durante muito tempo, ela teve dor de barriga, que – curiosamente, talvez – desapareceu com a chegada da menstruação, como se o sangue vivo das regras pudesse lavar um pouco dessa loucura. Aceitar ser assim convertida em mulher era proclamar-se diferente da mãe; aceitar sua própria sexualidade lhe conferia assim sua identidade, sua e nenhuma outra. Claro que na época nada parecia tão simples...

Durante o tratamento, descobrimos que essa fantasia de envenenamento e podridão no ventre ilustrava perfeitamente a relação dela com a mãe, e ao menos em parte a organizava. No entanto, também aqui nos foi necessário tempo para desenterrar essa fantasia, para dar sentido a essas angústias que Danielle trazia para a análise, e que só se acalmavam durante a sessão; para – podemos dizer – as reorganizar. Mas a maneira como tudo isso acabou se resolvendo merece ser contada.

A morte do quisto

Ao mesmo tempo em que analisávamos a relação com a mãe, Danielle teve metrorragias que levaram ao diagnóstico de um quisto do ovário. Diversos exames mostraram que este quisto tinha atingido o tamanho de uma laranja, e que era preciso retirá-lo, sem se precipitar, mas também sem esperar demais. Reservou-se um lugar no hospital, uma substituta foi contratada para o trabalho, em casa as disposições necessárias foram tomadas. Isso tudo levou mais ou menos três meses, justamente durante os quais analisamos a mãe roedora e má que ela tinha na barriga. Estávamos quase acabando; eu pensava mesmo que podíamos considerar que, no essencial e pelo menos naquele momento, estávamos desembaraçados dessa figura. Estava satisfeito, e ela também, com esta cronologia, que permitia que a operação pudesse se efetuar num contexto relativamente tranqüilo.

De sessão em sessão, tínhamos chegado até a semana anterior à operação. Foi então que um sentimento vago, alguma coisa que até então não tinha chegado a tomar forma, se organizou e ganhou sentido. Literalmente, essa idéia me *golpeou*⁴; falei-lhe do assunto, observando que já há algum tempo ela não falava dos sangramentos, e per-

guntei por que. “É verdade” – ela me disse – “não sangro há uns quinze dias, e não tenho mais dores. Devo ter me sentido reassegurada por saber que não era um câncer, e que o quisto podia ser retirado.” Após algumas hesitações, finalmente decidi aconselhar-lhe (excepcionalmente, me autorizava a usar essa palavra) que fosse ver o ginecologista e pedisse uma nova série de exames, quem sabe até insistisse nisso.

Ela ficou surpresa com esse meu conselho, mas não tanto. Já o médico considerou esse pedido como um capricho de mulher inquieta, mas acabou cedendo, e, depois de lhe explicar a total inutilidade daquilo, refez todos os exames. E, quando começou a olhar mais de perto, não acreditava nos dedos, nem nos olhos, nem no toque, nem nas radiografias! Por fim, rendeu-se à evidência, e constatou que não existia mais vestígio do quisto: o tumor tinha desaparecido.

Eu esperava exatamente isso, claro; mesmo assim, fiquei admiradíssimo, pois os efeitos concretos da onipotência do pensamento não deixam de me mergulhar na perplexidade. Danielle estava muito feliz, um pouco espantada, mas afinal de contas, menos do que eu. Não duvidamos um só instante que sua mãe tivesse definitivamente parado de apodrecê-la e de roer o seu ventre; desta vez, ela estava morta de verdade, e tornava-se possível para sua filha lidar com a sua lembrança. Desde então, esta opinião se confirmou.

O Édipo reencontrado

Não tenho mais acontecimentos extraordinários ou comoventes a contar para vocês a respeito do tratamento analítico de Mme. Danielle Guimiliau. A não ser talvez a coisa mais extraordinária de todas, embora a mais tranqüila.

Pacificamente, calmamente,

progressivamente, durante esses últimos meses Danielle reconstruiu para si um casal de pais que pudesse enfim reconhecer como seu. Reorganizou suas lembranças para as ressignificar; tomou distância suficiente da sua história para poder reconhecê-la como algo que lhe pertence, e ao fazer isso reapropriou-se dela. Naquilo que eram apenas feridas no mais fundo

Ela fez, em suma, um romance familiar com seus próprios pais. Reconstruiu para si um Édipo normal.

dela mesma, soube reencontrar ocasiões de satisfação narcísica. Vinha de longe, mas tinha conseguido se sair bem de tudo: talvez ela não fosse tão ruim assim, já que tinha se salvado da podridão.

Destes dois seres de sofrimento e de miséria, desses dois infelizes igualmente monstruosos na sua maternidade ou paternidade, Danielle soube refazer um casal capaz de enternecê-la, já que era necessário que ela cuidasse deles, os reassegurasse e os maternasse. As identificações haviam se tornado toleráveis, até mesmo gratificantes; “os pensamentos/amores-perfeitos tinham se tornado brancos”, pelo milagre da transferência e da sua análise.

Começou então a imaginar a vida deles *antes*; provavelmente ti-

nam se gostado, por mais desastrosos que fossem nesse jogo do amor. Ela se contava então histórias, sabendo que eram apenas histórias, mas tirando grande prazer disso; colocava-se no meio dessas histórias e desempenhava o seu papel. Em suma, fez um romance familiar com seus próprios pais.

Às vezes, estava sozinha com o pai e se descobria com ciúmes da mãe; outras vezes, sentia-se muito próxima da mãe e achava o pai invasor. Brincava, certamente, mas não apenas isso; de fato, tinha reconstruído para si um Édipo normal, com perfeito conhecimento de causa, ela, a quem a dura realidade havia proibido de viver um Édipo normal. Ou aliás qualquer Édipo, exceto na forma ridícula e atroz das cenas que contei. Mas o mais extraordinário disso tudo é sem dúvida que essa elaboração não provém de nenhuma fabulação, eu diria quase de nenhuma imaginação. Temos aqui a instalação necessária, inelutável, de um processo de reorganização que deve com toda certeza produzir suas próprias fantasias para se sustentar.

Ela vai bem; tudo o demonstra, na sua vida e na sua análise. Esta terminou já há vários anos. Se, quando decidimos encerrá-la, certos detalhes podiam deixar pensar que Danielle permanecia frágil, por outro lado era reassegurador constatar que ela mesma dizia isso e sabia o porquê. Talvez eu deva dizer que isso me parecia um sinal de boa saúde. Desde então, comprovou-se que essa sua fragilidade – ou pelo menos o domínio dessa fragilidade – era de fato uma grande força. Isso nos coloca uma questão importante, e remete aos critérios que aplicamos às nossas estimativas clínicas: o que é, finalmente, a *fragilidade*? Até que ponto cedemos às miragens das identificações traumáticas, esquecendo que o trauma nunca reside no acontecimento, por mais trágico que este nos pareça, mas somente na mobilização de

defesas frente a esse acontecimento, ou talvez na falha dessas defesas?

Comentários clínicos

Para finalizar, gostaria de – quase colado ao material que lhes expus – evocar brevemente alguns momentos principais desse trabalho. Recapitulo então aquilo que me parecem ser os seus momentos fortes.

Meu *ato falho* tem, como lhes disse, a particularidade de não me pertencer, mesmo que resulte das minhas ambivalências, de minhas associações e fantasias – a começar, evidentemente, por aquelas que ele mesmo suscitou. Nessa história, tais aspectos pessoais não têm nenhum interesse em si mesmos; no máximo, poderiam nos atrair pelas suas relações, ecos ou mesmo semelhanças com as fantasias da minha paciente. Mas acontece que aqui esses encontros de fantasias são mais ou menos inexistentes, com duas notáveis exceções. Primeiro, temos uma “bretonicidade” comum; segundo, compartilhamos o mesmo interesse pelas coisas do psiquismo. Estes dois pontos têm algo particular: encontram-se nos extremos, e por isso estão fora do campo associativo. Um se situa numa certa idealização das raízes originais, o outro se localiza nas representações sublimadas de uma atividade intelectual. Isto basta para que nos sintamos próximos, mas é insuficiente para explicar aquilo que vai além.

Contudo, foi sem dúvida algo assim que autorizou um movimento que só podemos considerar como identificatório. Mas ali – coisa singular – a identificação foi feita pelo analista, ainda que este só estivesse agindo uma fantasia inconsciente da analisanda. Embora possa de início nos surpreender, tal movimento é com certeza menos raro do que parece; aliás, foram estranhe-

zas como estas que conduziram Freud a se interrogar sobre a telepatia, para grande escândalo de Jones e de vários outros desde então.

Seja como for, foi esse movimento identificatório atuado pelo analista – sem ter a menor idéia do

O que o tratamento possibilita é, afinal, uma redistribuição libidinal mais harmoniosa entre os investimentos objetivos e os narcísicos.

que estava fazendo – que permitiu à paciente aceitar a sua transferência e vivê-la no divã, entrando verdadeiramente, então, na análise. A partir desse momento ela pôde se lembrar, e não mais apenas repetir. Não apenas é melhor assim; isso é também o principal motor do tratamento e lhe dá o seu verdadeiro sentido. Nesse enunciado vocês reconheceram sem dúvida o argumento central de “Recordar, Repetir e Elaborar”: “é no manejo da transferência que encontramos o principal meio de conter o automatismo de repetição e de o transformar numa razão para se lembrar. (...) É assim, e de nenhuma outra forma, que conseguimos substituir a neurose ordinária por uma neurose de transferência que o trabalho terapêutico irá

curar.”⁵ Danielle, daqui por diante, se lembra na transferência: portanto, sonha.

E tem o sonho dos amores-perfeitos verdes que se tornam brancos, oferecidos à senhora de azul: sonho evidente de transferência, dissemos sem hesitar. Sim, claro; mas também é um sonho de *identificação*, porque ela também é essa senhora de azul, imagem narcísica que ao mesmo tempo figura a mãe ideal com a qual sonha, justamente, e à qual finalmente aceita se identificar.

Vocês perceberam que encontramos aquilo que Freud nos dá como característica da identificação originária ao pai ideal, com uma pequena diferença – esse papel aqui se encontra atribuído à mãe. Deixemos de lado por enquanto as implicações que tal fato pode ter para as identificações femininas. Digamos que isso tudo só foi possível porque eu também estou identificado com a mulher de azul, a quem ela pode então oferecer os pensamentos/amores-perfeitos brancos: *les pensées de Le Guen*, que se supõe serem a parte mais idealizada do seu psicanalista.

É que a *incorporação*, a identificação à mãe, e também a escolha objetal dessa mãe, se tornaram aqui muito difíceis, por causa da história da paciente. Danielle só tem um objeto a incorporar, um objeto horrendo: é este que vai se incrustar no seu ventre para o roer e o apodrecer.

A identificação ao psicanalista na transferência – psicanalista cujas flores-pensamentos ela agora possui, a ponto de os poder oferecer a ele – permitirá a rejeição, a aniquilação desse mau objeto: ela vai se liberar dele destruindo seu quisto-mãe. Esse trabalho efetuado pela onipotência do pensamento, essa verdadeira façanha, só é possível porque a analisanda se identificou ao ego ideal, porque se identificou também ao psicanalista, chegando ao ponto de fazer o trabalho no lu-

gar dele. Já que eu tenho o poder de curá-la pelo pensamento, ela obviamente tem o poder de se dessembarçar pelo pensamento da sua mãe má.

Foi assim que pudemos chegar ao fim dessa análise, e foi assim que ela pôde se realizar na reconquista identificatória efetuada pela reapropriação do Édipo. Mas sem dúvida convém explicitar um pouco melhor como pôde se operar este movimento, como aliás deve operar em todo e qualquer tratamento. Ele é produto do jogo dialético de dois processos: por um lado, o *processo dos investimentos objetivos*, que vem se exprimir da melhor maneira possível na transferência, e por outro o *processo dos investimentos narcísicos* que vão sustentar a identificação. O que importa não é tanto que existam esses dois processos, mas principalmente a forma pela qual eles trabalham entre si.

Digamos então que a análise da transferência permite romper as “falsas ligações” que a constroem e a dissimulam; ela permite acabar com os anacronismos defensivos que fundam a neurose, e permite também restabelecer uma corrente libidinal satisfatória sobre objetos atuais. Com isso, torna-se disponível uma certa quantidade de energia; essa energia pode voltar para o ego e o reinvestir. Como nos diz Freud, as trocas entre libido do ego e libido do objeto funcionam como vasos comunicantes, conservando e redistribuindo a energia de tal forma que quanto mais uma absorve mais a outra se empobrece. O que o tratamento possibilita é, afinal, uma redistribuição libidinal mais harmoniosa, que permite por sua vez o respeito do velho adágio: “quem não ama os outros não pode amar a si mesmo”.

Isso dito, o analista só pode trabalhar com e sobre aquilo que tem à sua disposição: a transferência, com as relações objetais. Assim, *interpretamos o objeto, mas nossa finalidade é o ego*: é isso que permi-

te a reconquista identificatória, mesmo se a identificação propriamente dita não for jamais abordada durante o tratamento – e penso que *não* deve ser abordada diretamente.

A relação entre investimento de objeto e investimento narcísico é bastante próxima da que existe entre representações e afeto na representação: o recalque só trabalha sobre representações, mas sua única razão de ser é controlar o afeto. É isso que justifica essa prática um pouco estranha, indireta a ponto de chocar alguns: interpretamos somente as representações, porém nossa única finalidade é atingir o domínio do afeto, que seria ilusório e até mesmo nocivo querer analisar diretamente.

Para concluir, algumas breves observações sobre as fantasias organizadoras, tais como esta história clínica permite pensá-las:

— ela coloca em evidência as *relações entre fantasia e realidade*: mesmo se aquela a utiliza, a *pregnância onírica* (ou mesmo de pesadelo) da realidade não consegue eliminar a *atividade fantasmática*, a qual ganha autonomia e vai se desenvolver alhures. É a fantasia que utiliza a realidade, e não o inverso; ela organiza a vida.

— ela mostra a *força coercitiva da fantasia*, não apenas sobre o funcionamento psíquico do sujeito que a produz, mas diretamente, como em curto-circuito, sobre o corpo próprio de um lado (o quisto), e sobre os outros, (eu e minha atuação). Eis aí a onipotência do pensamento.

— ela testemunha a *pregnância do modelo*, a perenidade do original: a história de vida de Danielle se prestava mal (é o mínimo que se pode dizer) para uma “edipificação”. Nem sequer caricaturava o Édipo, pois a monstruosidade dos pais não permitia mesmo um Édipo monstruoso: ela o ignorava, e o condenava a permanecer no limbo. No entanto o Édipo estava lá, desde sempre, latente; organizou-se portanto uma

Interpretamos
as
representações,
porém nossa
única finalidade
é atingir o
domínio do
afeto.

edipificação, chegando a construir no divã um Édipo normal.

Como era de se esperar, esta história clínica coloca mais problemas do que resolve; é isso mesmo que esperávamos dela! Mas tive boas razões para a escolher: reconhecer os modelos, saber como eles se organizam, ver como podem funcionar. Isso colocado, vamos ao debate.

Muito obrigado.

Ouvinte: Gostaria de colocar uma questão: o desaparecimento do quisto. Estou pensando no momento em que Le Guen diz que “a transferência permitiu a aniquilação deste mau objeto; e essa verdadeira façanha só é possível porque a paciente se identificou ao ego ideal” (é este ponto que eu queria sublinhar), “porque ela se identificou ao analista até fazer o trabalho no lugar dele: se eu tenho o poder de curá-la pelo pensamento, ela também tem claramente o poder de se desembaraçar pelo pensamento da sua mãe má”. Le Guen fala mais adiante do pai ideal e da mãe ideal. Que relação existiria entre essas figuras e o ego ideal?

Le Guen: Não sei, penso que é um pouco dos dois. Quero dizer que fiquei de fato perplexo com esta espécie de colusão entre fantasia e realidade. No meu espanto, fui conversar com pessoas que sabiam alguma coisa sobre isso, com um bom psicossomatista, porque me considero bastante ignorante nessa matéria. Começamos então uma série de conversações com Michel Fain. O qual me disse: “você não está entendendo nada do processo, mas nós também não! Mas não estou certo se o que você está descrevendo tem algo a ver com psicossomática. Provavelmente a explicação que você deu é certa, porque tudo indica que você conseguiu analisar uma fantasia extraordinariamente arcaica e que se manifestava também através de uma certa somatização. Aqui permanecemos em algo que tem um sentido, que é interpretável, e que portanto permanece dentro da psicanálise. Não precisamos nos fascinar pelo fato de que o tumor desapareceu”. Fain continuava: “na psicossomática, nossos doentes são principalmente aqueles nos quais esse sentido de base não pode ser colocado em evidência”. Não sei se fiquei mais reassegurado ou mais inquieto, porque ele não conseguiu me explicar por que, finalmente, esse quisto foi embora! A meu ver, ele também ficou bastante admirado com isso.

Ouvinte: Eu levantei uma interrogação quando o senhor disse que as dores de barriga diminuíram quando ela era púbere, no início da menstruação, porque esse sangue poderia lavar um pouco desse veneno e torná-la diferente da mãe. Como ela podia se fazer mulher nesse momento, com esses monstros que a habitavam?

Le Guen: Há vários dados que eu não podia incluir no relato. Entre os sintomas da mãe, havia dores de barriga: ela tinha amenorréias, o que aliás é um fenômeno comum nesse quadro de depressão um pouco esquizóide. Isso não ti-

Ela soube utilizar sua fragilidade para adquirir uma grande capacidade de cuidar e de tratar.

nha muito interesse, a não ser pelo fato de que ela falava muito pouco, e, se de vez em quando proferia alguma palavra, era para se queixar disso ou daquilo. De tal forma que, quando essa moça teve suas primeiras menstruações, isso teve para ela o sentido de uma prova: ela não era como a mãe, ela tinha regras. E, nesse momento, ela teve muito explicitamente um sentimento de que era sim uma mulher. Vocês repararam que, nessa história, eu falei muito pouco dos aspectos sexuais: no início, disse que o marido era muito insatisfatório deste ponto de vista, e com o amante ela se arranjava um pouco melhor. De fato, acho que posso dizer que ela se dava muito bem com esse amante. Creio que o fato de ter aceitado a sua feminilidade quando chegaram as regras, na época da puberdade, a salvou de alguma coisa, e principalmente permitiu o estabelecimento de uma vida sexual sempre satisfatória.

Justamente porque isso implicava, ainda uma vez recusar, a identificação com a mãe. É por isso que essa imagem das regras que se impõem como um triunfo apareceu

para mim claramente no que ela dizia.

Ouvinte: Os sonhos com os gatos poderiam ser ditos traumáticos?

Le Guen: Esse é um ponto sobre o qual eu posso responder bem claramente. Sem sombra de dúvida, eram sonhos traumáticos, e algo que mostra isso bem claramente é o fato de que eram repetitivos.

Oitenta por cento eram sobre gatos. Esta é uma das características óbvias do sonho traumático: é sempre uma mesma cena que se repete, com disfarces muitos ligeiros. Quanto ao romance familiar, sou eu que estou falando em romance familiar: creio que isto serve para dar uma idéia, numa linguagem comum a todos nós. Mas é sobretudo o final da análise que tenho em mente quando penso nessas frases. Na época dos sonhos traumáticos, nós estamos dentro do *terror* familiar, e além do mais posso dizer que não foi a interpretação dos sonhos traumáticos que permitiu avançar. Quando ela pôde se encontrar na situação de ter o sonho da senhora de azul, rompeu com os sonhos traumáticos: era outra coisa, mesmo que o sonho não tivesse tanto sentido quanto no final se mostrou que tinha. Mesmo assim, ele se revestia de uma importância fundamental: na medida em que ao menos *não* era um sonho traumático, mostrava que nós tínhamos superado uma certa etapa.

Ouvinte: Um pouco na linha das primeiras perguntas, para mim chama a atenção, no relato, que a filha desaparece do relato como o quisto, que aparece e desaparece. A questão é: como ela representava, além da aceitação da menstruação, a própria maternidade?

Le Guen: Eu não falei da filha adolescente porque na verdade ela não colocava nenhum problema para nós. Houve, claro, alguns conflitos, crises de adolescência, etc.; a cada vez, fiquei admirado com a mistura de firmeza e de carinho com

que ela administrou essas crises; não se falava mais nesse assunto. Justamente, a área da vida dela que dizia respeito às relações com a filha adolescente foi uma das que me fizeram repensar um pouco a alegação de fragilidade que ela tinha colocado no começo: ela se dizia frágil, mas no comportamento dela eu não via muito disso. Ao mesmo tempo, tinha certeza que ela *era* uma pessoa frágil, e por isso fiz a pergunta de há pouco: que é essa fragilidade? Porque finalmente essa mulher utilizava brilhantemente a sua fragilidade.

A propósito disso, vou lhes fazer uma confidência. Alguns anos depois, essa paciente me pediu uma entrevista. Veio contar então que tinha feito toda a *via crucis* para ser aceita no Instituto de Psicanálise, para fazer as supervisões etc., e que acabava de ser aceita. Disse-me: "Não quis vir falar com você antes, porque tinha a impressão de que lhe estaria pedindo licença; mas estou muito feliz em poder contar o resultado dessas *démarches*." Na Sociedade Psicanalítica de Paris, somos mais ou menos mil pessoas, e portanto ela não frequenta o meu seminário. Mas de vez em quando ouço falar dela; sei que está trabalhando numa instituição psicanalítica para crianças, e todos os comentários que recebo sobre essa pessoa, mesmo que raros, são sempre muito elogiosos. Penso que isso me permite dizer que ela soube utilizar essa sua fragilidade para poder adquirir uma grande capacidade de cuidar e de tratar. ■

NOTAS

1. S. Freud, *Abrégé de Psychanalyse*, Paris, PUF, p. 42.
2. S. Freud, "Psycho-analysis", in *Résultats., Idées, Problèmes*, Paris, PUF, t. II, p. 158.
3. *Pensée* significa tanto pensamento como amor-perfeito. Danielle oferecia assim ao analista seus pensamentos. Mas, em português, o trocadilho também vale, embora com outro significante: ela lhe oferecia amor perfeito... (Nota do tradutor)
4. Trocadilho com o termo *frapper*, que significa tanto golpear quanto impressionar. (Nota do tradutor)
5. S. Freud, "Remémoration, répétition, élaboration", in *De la technique analytique*, Paris, PUF, p. 3.